

Gaiato



Quinzenário * 3 de Abril de 1982 * Ano XXXIX — N.º 993 — Preço 5\$00

Propriedade da Obra da Rua **Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes** Fundador: Padre Américo

OS NOSSOS LIVROS

Andamos com o livro Obra da Rua. É uma tarefa apaixonante cada reedição; sobretudo estas em que se procura dar forma e conteúdo definitivos à nova publicação de um velho título.

Foi pela palavra escrita que se me revelou a sedução de Pai Américo: O GAIATO, descoberto e possuído desde o n.º 1; as primeiras edições do Pão dos Pobres, ainda de Coimbra. Só mais tarde, bastante mais tarde, confirmei o conhecimento da Obra pela visão das suas Casas, pela experiência da sua vida. Mas, então, era já um conquistado.

Em Pai Américo a Obra e a palavra são simultâneas e reciprocamente fecundantes. De Julho de 1929, a sua ordenação sacerdotal, até à «Sopa dos Pobres», é vida escondida, é tempo doloroso de gestação. A 19 de Março de 1932, o Bispo D. Manuel Lulz inaugurou a «Sopa» e deu o cuidado dela a Pai Américo. Começaram logo as crónicas no Correio de Coimbra que projectaram a «Sopa» num plano de doutrinação e de experiência de Deus muito para além das fronteiras benemerentes da modesta Obra social. A palavra nasce da Obra e

é primariamente para a Obra: vivifica-a, empresta-lhe autoridade, produz-lhe um crescimento vigoroso, prepara uma floração de obras que, oportunamente, irão frutificar. Em Pai Américo, Obra e palavra confundem-se em mistério de criação que se realiza sob o olhar de Deus, por Sua inspiração, com a Sua bênção. O Pai, Criador; o Filho, Verbo por Quem tudo é criado; a criatura que é e comunica vida pelo Espírito que a anima — tudo é Deus, em tudo.

Em Pai Américo saboreia-se esta participação no mistério de Deus. E comprova-se pela resultante última do seu viver: tudo é da espécie do Amor, empenhado na construção da Justiça que dará aos homens a Paz.

Não é assim o Reino de Deus?! Instaurá-LO na cidade dos homens não é projecto coerente de quem quoti-

Cont. na 3.ª página

Calvário

Quem desce a Circunvalação e chega ao Freixo tem na frente o espelho baço mas tranquilo das águas do Douro. Na margem fronteira a mancha de areia serve de praia fluvial na época de Verão. Ali há sempre pequenos barcos de recreio e crianças brincando.

A marginal em que nos encontramos segue para o interior sempre colada ao rio. Sabe bem afrouxar o andamento do carro para contemplar a paisagem ribeirinha. A vegetação cresce viçosa bebendo as águas correntes. Valbom poisa na encosta. Deixo a marginal e trepo ao emaranhado das ruas onde as casas parecem es-corregar para o rio. A medida que subo, torna-se maior a mancha de verde das margens do Douro.

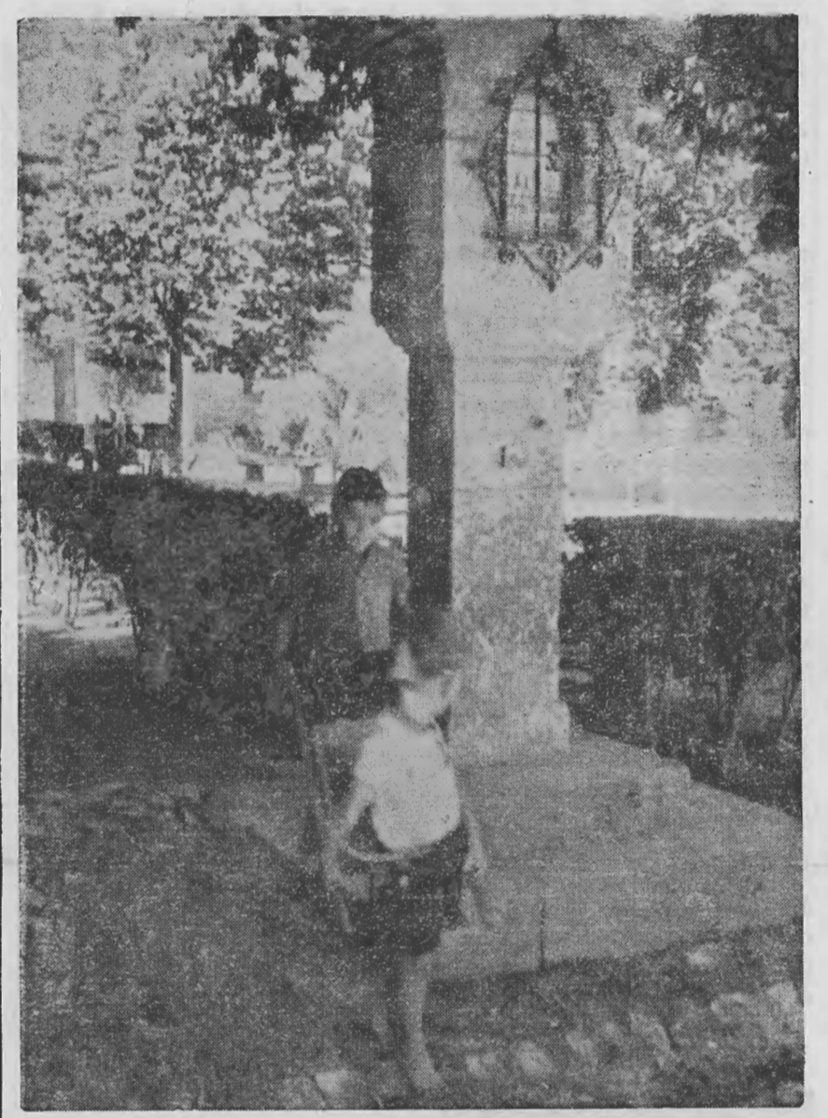
Esta casita em que entro é miradouro na verdadeira acepção da palavra. A janela aberta deixa penetrar a claridade solar e mostra-nos Avintes por entre os pinheiros em tufo de copas altas, emergindo dos campos. O rio desliza no silêncio, trazendo o suor do interior misturado nas águas das nascentes que a ele vão dar. A

velhinha que me acolhe dá conta duma história igual a muitas que hoje se podem contar e a outras tantas que a sociedade actual anda a fabricar.

Morava ali ao lado um casal novo. Tiveram dois filhos. O rapaz que está na minha frente é o mais novo. Parece ter cinco anos mas já vai nos onze. A pele do seu rosto apresenta rugas — sinal evidente de fome. O riso é enigmático e forçado — a traduzir forte atraso mental. A rapariga encontra-se no leito, posto na sala comum. Está paralisada. Teve meningite na infância e hoje não anda, não fala, não cresce. Parece ter três anos; mas, contudo, sou informado de que já fez quinze. Os pais separaram-se, sumindo-se um atrás do outro na cidade. Succedeu há largo tempo e não mais voltaram. A pobre velhinha diz-me que teve pena das crianças e recolheu-as em sua casa.

— Onde comem dois também comem três ou quatro — acrescenta.

Cont. na 4.ª página



«À beira do caminho principal da nossa Aldeia, em Paço de Sousa, estão as alminhas — como prova de devoção dos nossos visitantes. O nosso aglomerado não seria uma Aldeia portuguesa sem as alminhas má-ló cruzeiro...» (Pai Américo)

AQUI LISBOA!

● É mais fácil espalhar a morte do que construir o edifício da vida. Um egoísmo feroz é uma das características do tempo em que vivemos. As leis naturais e os valores éticos não contam nesta sociedade em que o material e o pragmático têm preponderância. Para tudo se arranja justificação, nem que seja recorrendo aos sofismas mais descarados ou às distinções mais habilidosas, como, por exemplo, à vida «teoricamente» ou «concretamente» humana.

Matar, seja qual for o estádio do desenvolvimento dos seres humanos, é a única palavra adequada para exprimir o acto de supressão da vida. E matar é crime, sejam quais forem os argumentos aduzi-

dos. Há que chamar pelo nome às coisas. Não importa a guerrilha psíquica de apelar de obscurantistas ou de conservadores aqueles que se conservam firmes nas suas convicções ou nos princípios mais sagrados da vida.

O aborto não é apenas uma questão religiosa. Ele é um problema humano básico que diz respeito a todos os homens, independentemente dos seus credos religiosos. Ante vidas humanas em causa quem pode ter direito de decidir se o seu semelhante deve viver ou morrer?

Afirmar que legalizando o aborto se acaba com o aborto clandestino é uma afirmação que a prática revela não ser verdadeira. Antes pelo contrário. Sucessivos relatórios,

oriundos de vários países, como o Japão, a Inglaterra, os Estados Unidos, etc., revelam-nos tanto o aumento dos abortos legais como dos ilegais.

Um pseudo-feminismo que afirma o direito de a mulher dispor livremente do seu próprio corpo insere-se numa linha de degradação moral evidente. Nada tem a ver com a chamada igualdade do homem e da mulher, como já tem sido dito. O novo ser, com individualidade específica, é já outra pessoa quando em desenvolvimento no ventre materno. Depender da mãe para sobreviver não dá àquela o direito de o matar.

Demos contas, aqui há dois ou três anos, da existência de

Cont. na 4.ª página

PELAS CASAS DO GAIATO

Paço de Sousa

MATA — Como já havíamos noticiado na última edição do «Famoso», uma máquina realizou um trabalho, em nossa mata, que consistiu no alargamento e abertura de novos caminhos, assim como a limpeza de parte desta para ser cultivada.

Alguns dos nossos rapazes lá andaram a trabalhar: arrumar a lenha, tirar raízes, etc.

Foi um trabalho difícil e cansativo porque levado a termo pelo «grupo da lenha» — o dos mais pequenos.

Além do trabalho na mata, a máquina fez outro ainda: arranhou um terreno perto do campo de futebol. Aqui vão ser plantadas árvores e colocadas algumas mesas para as pessoas amigas que nos visitem tenham um lugar à sombra para a sua merenda.

A máquina começou o trabalho, agora nós vamos acabá-lo: cultivar a parte limpa da mata e arranjar aquele campo para os Amigos que nos visitam.

DESPORTO — Em relação ao desporto há algo de estranho e incompreensível no comportamento de algumas equipas.

Há já algum tempo tem acontecido que várias delas nos convidam para um jogo de futebol em dia e hora marcados. Preparamos tudo para os receber e, no dia marcado, não vêm nem avisam!



Sandra Cristina, de 3 anos, filha do João Maria, agente da P. S. P. — que se fez homem na Casa do Gaiato de Setúbal.

Para evitar que o problema continue, pedimos às equipas amigas que avisem, se podem vir ou não, para evitarmos preparativos escusados. Agradecemos a vossa compreensão e ajuda.

OBRAS — Temos dado ultimamente notícias referentes às obras que se efectuam em nossa Aldeia.

São obras sucessivas em locais que necessitam um pouco mais de condições para se tornarem mais funcionais. Foram a casa 3, o bar, a Capela e a casa-mãe quase a acabar. E, agora, são as Escolas. A Escola é algo de grande importância, visto que do mais pequeno ao maior toda a gente estuda em nossa Comunidade: Escola Primária e Telescola.

As paredes exteriores estão a ser picadas e as pedras de granito lavadas; assim como estão a ser pintadas as frinchas entre as mesmas para dar um aspecto vistoso à entrada.

É uma obra cara e que nos leva — como todas as outras — avultado capital.

Esperamos que elas continuem, para nosso bem e também das futuras gerações que hão-de usufruir delas.

«GRUPO DA LENHA» — Várias vezes se tem falado no «grupo da lenha» e em alguns trabalhos em que toma parte activa. Como o seu nome indica, a função principal deste grupo é a lenha para o fogão da cozinha, para o forno da padaria, para a caldeira de água do balneário. Com o passar do tempo e o aparecimento do fogão a gás, este grupo perdeu um pouco da força para que, inicialmente, foi organizado. Passou, então, a ter o encargo da limpeza das nossas ruas e de acorrer a qualquer sítio onde seja necessário. Por isso, noticiamos alguns trabalhos em que não deixa de estar presente: enchimento do silo, duas vezes por ano; a batata, sementeira e apanha; assim como tirar ervas daninhas que invadem os campos onde há culturas. São estas as funções actuais do grupo, que tem um chefe; rapaz já com grande responsabilidade porque tem a seu cargo um grupo numeroso, constituído pelos mais pequenos que preferem antes brincar do que trabalhar. Mas como «de pequenino é que se torce o pepino» — e como é regra na nossa vida: «quem não trabaça não manduca» — eles lá vão andando, com uma ajuda aqui, fazendo algo noutra lado, deixando sempre alegria nos trabalhos simples que, a brincar, vão realizando.

LAVOURA — É tempo de sementeiras. A terra foi preparada e lança-se a semente. A da batata está atrasada, ainda não começou. Os produtos hortícolas vão andando. As cenouras já estão suficientemente crescidas para entrar na cozinha e, assim, melhorar as refeições.

Nos campos destinados à erva para o gado foram implantados sistemas de irrigação por aspersão, para a erva ficar mais viçosa. Este sistema facilita a rega dos campos porque se pode pôr a funcionar e deixar regar

sem ser preciso ninguém para vigiar a água; enquanto que no antigo sistema — mais caro... — se tinha que vigiar e passar a água de um lugar para outro através de regos, o que se tornava um trabalho difícil.

«Régua»

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

● Fomos analisar o problema de uma jovem família, cuja mãe — com um lindo bebé nascido antes do tempo... — poderia ainda agora brincar com bonecas.

Defendemos a criança: uma ração de leite, diária, por conta dos nossos leitores.

Viviam em triste casoto; mas, entretanto — também com o nosso estímulo — o casal levanta uma pequena moradia. Parte do Inverno foi telha à vista...! Agora, não; o tecto já forrado, dá mais aconchego.

Desligado da vida de café..., o homem irá acabar a moradia com interesse.

Enquanto reflectíamos na aventura de se erguer uma casa sem capital, sem juros bonificados, topamos na Imprensa esta afirmação: «Cada família deveria ter uma casa, mas cada família não tem dinheiro para ter uma casa e o Estado não tem dinheiro para dar uma casa a cada família»... Vistas do Terreiro do Paço para as águas do Tejo, que não para o mar! E no mar imenso das dificuldades — mais por inadequado planeamento e falta de estruturas voltadas para o País real — é bom ouvirmos Homens de tarimba, como este nosso Amigo, do Porto:

«(...) É verdade que há muitos anos me interesse por problemas ligados ao cooperativismo habitacional. Mas também é verdade que me sinto cansado e desiludido para prosseguir. Se há uns anos atrás o que se praticava não era o melhor nem aquele que eu mais gostaria, o que vejo fazer-se hoje desilude-me por completo... Os considerandos no «Auto-construção» — e muitos outros que todos sentimos a cada momento — não são ouvidos nem sentidos por quem tem os poderes de decisão... E o dinheiro dos contribuintes vão sendo gastos em coisas de sómos ou a manter serviços improdutivos, enquanto as carências habitacionais do País, por uma ou outra razão, vão aumentando em progressão geométrica.

Muita coisa seria diferente se os ministros e outras pessoas que mandam, tivessem que ser motoristas às fins de semana!...

Desejo, muito sinceramente, que nunca esmoreçam no apoio que dão à Auto-construção; mas não creio que alguma vez — «neste» País... — se consiga ultrapassar o muro das lamentações...»

Voltando atrás: Ao lado do jovem casal — que referimos — vivem os sogros, pessoas de meia idade que levantaram sua casa como uns heróis! — Criámos dez filhos. Foi duro! Sofremos muita fome... A casa

está por acabar, mas está aqui!

Os filhos chegam todos ao nosso encontro: — *Ai vem mais um, de motrizada! Vai casar...*

A moça sorri. Cumprimentam. E o pai lamenta:

— *Não arranjam casa...!*

— *Como vai ser...?*

— *Venha a mais nós, ali, à rés-do-chão.*

Ficarão alojados em pequeníssima sala e quarto!

— *Não se consegue melhor...!*

Olhos pregados na imagem da Família de Nazaré — suspensa na parede — não nos custa a crer que, por virem a sentir na carne as precárias condições em que serão forçados a viver, mesmo sem dinheiro... eles decidirão pelo incrível: construir um tecto decente!

PARTILHA — Uma carta amiga, de Macedo de Cavaleiros; dentro, 250\$00 para os Pobres. Outra com 1.000\$00, da assinante 32797, e votos das «maiores felicidades». Casal-assinante 17022 não falha; aí vai com 300\$00 «referentes aos meses de Fevereiro e Março». Mais 1.100\$00 e 2.000\$00 por intermédio da Casa do Gaiato do Tojal. E mais uma remessa, oportuna, do Bombarral. Tudo se aproveita nesta lida! Agora, chega um cheque de Cascais «para acudirmos aos nossos Irmãos mais pobres». E mais 500\$00 do assinante 23618 com palavras amigas e estímulos d'ordem espiritual.

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

FRONTEIRA — um resumo

Entre pontas de cigarro, sobras de arraial, vestígios de suposta indigestão, por doença ou desemprego sobre o lajedo da praça joga-se o corpo e a desgraça na tentativa do pão.

Envolta a boca em cieiro que ranho e frio provocam, ao pé — descalços — os filhos estendem a mão a quem passa nuns gestos que já não tocam.

Por desemprego ou doença sobre o lajedo da praça

E eu para aqui tentando a redondilha na desgraça dos outros — nesta! a que vejo! e que se mostra e clama.

Não se resume nisto a dimensão do drama!

NEM a paralisia se desloca!
NEM o antro se expõe pelas avenidas!
NEM o poder terá de enfrentar as crianças em reivindicação de proteínas!
NEM os analfabetos se amotinarão em frente das escolas!
NEM os cegos farão sair dos bandolins cânticos de revolta contra a caixa-de-esmoladas!...

NADA DISSO! A fronteira das privadas inquietações gerais passeia-se no luxo dos casinos, no fofa dos veludos, na seda da gravata a decidir os que hão-de miserar e os que hão-de progredir nos duzentos à hora em autoestrada do livre instinto concorrencial.

Para lá da fronteira é tudo bestial!

FEVEREIRO/82

santos kim

MAIS ASSINANTES

Eles surgem pelo correio, pelo telefone — e pessoalmente. Uma contínua procissão!

Alguns peregrinos — que motivam todo o mundo! — enviam listas pesadas; como uma leitora residente no Algarve e com ar tripeiro: 26 de Faro e Olhão. Outra, da capital, com 13 de Viseu, Odivelas, Lamego e S. Vicente de Lafões. Mais outras, de vários pontos do País. E a simpática Amiga, de Bom Sucesso (Aveiro), já no limiar da Terceira Idade, que por lá tem feito grande revolução:

«Cá estou, novamente, para vos mandar o endereço de mais uma nova assinante.

Já só faltam 7 para completar 100! Até às 100 ainda me responsabilizo pelas anuidades — enquanto eu puder. Depois, proporei mais, sem no entanto me responsabilizar materialmente. Mas só arranjaréi assinantes que veja serem pessoas de consciência. De contrário, não segue o endereço.»

Considerações oportunas!

Sensibilizam-nos todos os que, antes de caminharem para a rua, incendeiam a alma de seus familiares:

«Segue um vale de correio para a minha assinatura dos anos de 81/82 e para incluam, na Família de O GAIATO, uma minha irmã que deseja ser assinante. (...) O que

sobrar, é para o que acharem mais necessário, pedindo desculpa de ser tão pouco — e ir tão atrasado — mas eu também sou pobre, com dificuldades na vida, e apenas vivo do meu trabalho.»

Agora uma nota que faz parte da vida — e se prolonga na Eternidade:

«Quero que mudem o meu nome da assinatura para o de minha filha. E, também, que mandem outro jornal para mais outra filha...»

Estou a ir para o Fim. E como elas gostam de ler O GAIATO, ficam com um cada. Assim, faltando o Pai, em vez de um são dois — e o «Famoso» continua a crescer!»

Topamos, ainda, certos Amigos que, motivada sua roda de familiares, abordam a vizinhança. Carvalhos:

«Todos estes assinantes, meus vizinhos, são angariados por mim — com muito gosto; e outros, de diversas freguesias. Sempre que possa, mandarei mais!»

Continuam a aparecer pelo seu pé, os que se vinculam como assinantes de O GAIATO porque, nos grandes centros, nem sempre encontram os nossos pequenos que distribuem o «Famoso»:

«Envio essa importância para uma assinatura. É mais certo assim e não deixarei de ler

O GAIATO, pois, nem sempre vou à mesma igreja e, às vezes, não encontro os vendedores — nossos queridos galatos.

A leitura do jornal é, talvez, das poucas coisas que neste turbilhão da vida que levamos — as mais das vezes preocupados egoisticamente com os nossos problemas e só com eles — me faz parar um pouco, meditar e aperceber-me, ainda mais, de quanto é imensa a Obra da Rua.

Enquanto vivemos, em Benguela, contactámos muito o nosso querido amigo Padre Manuel António e, depois, mais tarde, em Lourenço Marques, o Padre José Maria. Estarmos com eles foi sempre um Bem-Estar.»

Mais um que, até agora, tem colhido O GAIATO na rua e passa a recebê-lo em sua casa, pelo correio:

«Apraz-me dizer que as judiciosas considerações que O GAIATO insere — e muito nos agrada ler — são um testemunho da nossa Fé, nos tempos conturbados, que vivemos.»

Por fim, nova assinante do Carregado relata o seguinte:

«Há dois anos, em Coimbra, à porta da igreja de Santa Cruz, houve um episódio que nunca mais esqueci — e ainda guardo O GAIATO:

Saía eu, acompanhada de minha irmã e meus filhos, e à porta da igreja estavam dois galatos. Minha irmã ficou com um jornal e deu 20\$00. Eu, por acaso, não levava dinheiro! E a dois passos, minha filha, na altura com sete anos, disse: «Eu também quero um». Respondi que não tinha dinheiro. Qual o meu espanto quando um dos pequenos vai dar-lhe um jornal, mesmo sem dinheiro! Até hoje nunca mais esqueci nem vou esquecer este gesto!»

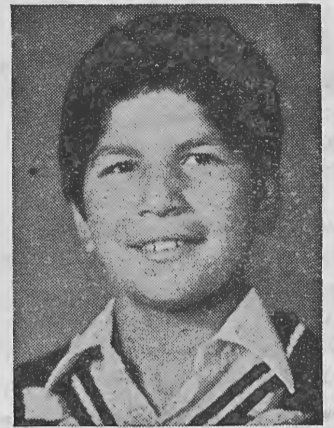
Só nos resta dar nota do grosso da procissão — um mundo de gente! — que se estende de norte a sul do País e além fronteiras: Vila Franca de Xira, Azambuja, Penafiel, Entroncamento, Aveiro, Minde, Torres Novas, Vila Nova de Gaia, Loures, Oeiras, Parede, Seixal, Sintra, S. João do Estoril, Paredes, Vila Nova de Famalicão, Baixa da Banheira, S. Pedro de Avioso, Alfragide, Cova da Piedade, Póvoa de Varzim, Vermoim (Maia), Candemil (Amarante), S. Cosme (Gondomar), Braga, Aveiras de Cima, Setúbal, Rio Tinto, Sertão, Meixomil (Paços de Ferreira), Lazarim, Charneca da Caparica, Oliveira de Azeméis, Portalegre, Bragança, Freches, Amadora, Vila Real de Santo António, Cardigos, Soutelo do Douro, Alto da Lixa, Paços de Ferreira, Figueira da Foz, Rufilhe (Braga), Seia, Almada, Riba d'Ave, Delás (V. N. Famalicão), Envendos, Leiria, Faro, Mafra, Queluz, Cabeça Santa (Penafiel), Leça da Palmeira, Porto e Lisboa uma grande coluna, Manitoba (Canadá) e Rio de Janeiro (Brasil).

Padre Carlos

Júlio Mendes

Retalhos de vida

O Félix



Sou o Félix dos Santos, natural de Bragança, onde nasci a 5 de Fevereiro de 1965.

Não sei dos meus pais. A coisa mais bela do mundo seria ter conhecido os que me deram a vida! Nem conheço ninguém da minha família. A minha madrinha disse-me, um dia, que talvez seja filho de pai português e mãe espanhola, ciganos.

Quando eu era bebé levaram-me a um Hospital, cheio de feridas, e esperaram cá fora por mim. Mas quando me iam devolver já lá não estava ninguém! Disseram-me, já maiorzinho, que estive lá uma semana. Depois, fui para o Colégio Dr. Leonardo Coimbra, em Valadares. Estive lá algum tempo, até uma senhora, do Porto, minha madrinha, tomar conta de mim, tinha apenas três meses. Ficou comigo até aos sete anos. E ela não continuou comigo por causa de um desastre. Então, pediram ao sr. Padre Carlos para eu vir para a Casa do Gaiato, onde estou, há nove anos.

Por aqui, nesta bonita Aldeia, tenho feito muitas avarias...! Tenho muitas tentações; roubo muitas coisas! Depois aborço-me, por chatear os senhores Padres e os Chefes. Mas tento corrigir-me. E, passados tempos, vêm outras tentações. Umas vezes até penso que é melhor estar lá fora; e já tenho fugido. Outras vezes penso que é melhor estar aqui.

Sou repetente da 4.ª classe. Tenho sido muito preguiçoso! Mas, este ano, já estou a recuperar para entrar na Telescola. E quando for maior vou para carpinteiro. É uma arte de que gosto muito. Agora, enquanto estudo, encontro-me a trabalhar na vacaria, para o nosso gado.

Na Casa do Gaiato aprendi a tocar órgão. Gosto de música. Quando for maior gostaria de ter um órgão, nem que fosse pequenino ou velho.

Um grande abraço para todos os leitores de O GAIATO, principalmente para os de Bragança.

Félix dos Santos

OS NOSSOS LIVROS

Cont. da 1.ª página

dianamente invoca o Pai com as palavras do Filho: «Venha a nós o Vosso Reino?! E como virá reinar o Rei se não «for feita a Sua vontade na Terra como nos Céus»?!

Pai Américo foi um homem de Fé e de vida consequente. Por isso, à maneira dos velhos Patriarcas, a sua pequenez foi tocada pela fecundidade e ele tornou-se Pai de uma Família difícil de contar. Nele, Obra e palavra são o verso e o reverso do mesmo denário (um ou cinco, ou dez... — pouco importa!) que Deus lhe entregou para negociar e ele negociou — «servo bom e fiel, digno do gozo do seu Senhor»!

Sim, apaixonante esta tarefa que agora nos ocupa! O Pão dos Pobres, 2.ª e 3.ª volumes, já na mão dos impressores; A Porta Aberta e Obra da Rua, neste momento em preparação. E depois será o Ovo de Colombo, acrescentado dos escritos de Pai Américo sobre o Património dos Pobres, a menina dos seus olhos quando o Senhor lhos veio fechar; o Cantinho dos Rapazes tão precioso, tão urgente neste tempo em que a divina missão de «fazer de cada Rapaz um Homem» se antolha (mais de fora que de dentro!) cada vez mais difícil! E depois..., depois ao

menos um ensaio de biografia, tantas vezes pensado, tantas prometido... que permita Deus não fique em branco qual outro De como eu subi ao Altar que o próprio Pai Américo anunciou e não escreveu.

O Obra da Rua, já acrescido na sua edição de 1965 de «toda a prosa dispersa de Pai Américo anterior a O GAIATO não incluída nos três volumes do Pão dos Pobres», terá agora um novo aumento: a notícia da «inauguração de Paço de Sousa e da fundação das restantes Casas e Lares até 1955, incluindo o Calvário». Isto propõe o Júlio Mendes e será feito ainda com a palavra de Pai Américo. E eu proponho daqui mais uma pequenina adenda: Também o Lar de Setúbal que é posterior a Julho de 56; e as Casas de África que, por já não serem ou não estarem sendo da Obra da Rua ao tempo da presente edição, não deixam de fazer parte da sua história e são um marco importante da sua expansão.

No dealbar da Páscoa de 82 aqui ficam estas boas-novas de vida, de alegria e de Paz. Disponham-se os Leitores a comungar nelas. Pois, mesmo que possuam já o livro Obra da Rua, decerto se não vão dispensar do próximo, no prelo, pelo que ele lhes trará de novo.

PARTILHANDO

O «Irmãozinho» é encarregado da limpeza do bar, em nossa Aldeia de Paço de Sousa. Dizem que tem muito jeito para limpar e arrumar as coisas. E tem! Agora, o que descobrimos, há dias, é que ele também tem jeito para limpar pacotinhos de açúcar e guardá-los numa caixinha de madeira fechada... com alocete!

É obrigação do «Irmãozinho» limpar o pó do nosso bar — sala-de-estar e de televisão dos mais velhos. É lá que temos o cafezinho após o almoço. É lá um dos lugares mais bonitos e mais acolhedores da nossa vida comunitária. A limpe-

za do açúcar é que não faz parte da obrigação do «Irmãozinho»! Sim, foi uma tentação; uma doçura da obrigação. Mas, neste caso, o que é doce pode amargar... E esta foi, na realidade, uma das mais doces tentações do «Irmãozinho»! Só o açúcar...

Entreguei ao «Pernalonga» — responsável do bar — o doce da caixinha e o amargo do caso. Porém, do «Irmãozinho» fica-nos, mais uma vez, o amargo-doce da sua vida de criança — a semelhança de todas as vidas que há no mundo...

Padre Moura

Aqui, Lisboa!

Cont. da 1.ª página

«grupos» ou «sociedades» para o extermínio dos doentes e dos velhos, apontando os crimes horrorosos praticados em hospitais mórdicos. Há quem batalhe, invocando os mais diversos argumentos, desde os piedosos aos económicos, para justificar tais tipos de comportamentos. Isto insere-se na mesma linha da legalização do aborto, «em nome da civilização e do progresso» com argumentos similares ou aparentados. Admitindo uma excepção, está o caminho aberto para os mais variados crimes, suprimindo-se os mais fracos ou débeis. Os infanticídios, a supressão dos velhos e dos doentes, a eutanásia, etc., etc. Dir-se-á, e é este outro argumento utilizado, que se trata de questões políticas. Pois sim, também foram ou são questões políticas os assassinatos em massa perpetrados por Hitler e Estaline ou os crimes dos «esquadrões da morte» e equiparados da América Latina e de outras regiões do Globo, ontem e hoje.

Dizíamos no início destas considerações desprezíveis que é mais fácil espalhar a morte do que construir o edifício da vida. Ora esta fomenta-se e alimenta-se pela adopção adequada de medidas em ordem a prevenir os males, cortando-os na raiz, seja na promoção de empenhados planos de progresso educacional e social, no respeito pela vida e pela dignidade de cada homem. Matar é solução demasiado fácil e cómoda. Continuaremos.

● Não há dúvida que a Escola vai mal, seja qual o prisma por que for encarada. Hoje, à laia de simples bosquejo, aqui vão duas ideias, conseqüentes de recentes visitas feitas a vários estabelecimentos de Ensino — indagando informações dos nossos Rapazes.

A primeira nota diz respeito ao estado em que se encontram os edifícios e as mobílias ou material escolar. Tem-se uma sensação de desagrado, diríamos de profunda tristeza. O diabo parece andar à solta! Os estragos dos mais va-

riados tipos, as paredes escritas, os vidros partidos e as carteiras desconjuntadas são um espectáculo comum. Ficamos com a noção de que tudo se pode fazer e de que não há gente responsável a zelar pelas coisas.

A segunda ideia diz respeito ao desinteresse ou à incapacidade dos encarregados de educação pelo (e no) acompanhamento da situação escolar de cada um dos seus educandos. Poucos aparecem, mesmo

quando convocados. Não sabem ou não querem seguir os passos dos seus filhos. Os Professores queixam-se e consideram como excepções os que surgem. É lamentável. Sem uma ligação apertada entre a Escola e a Família não será viável uma educação correcta. Os horizontes não são nada promissores, na verdade.

● Um dos nossos resolveu enveredar pela carreira das armas. Há dois anos que por lá anda, embora venha com frequência a Casa. Certo.

No outro dia perdeu (ou roubaram-lhe) a carteira com dinheiro e os vários documentos, entre os quais o bilhete de identidade. Tirada uma certidão foi-lhe recusado novo

B. I., alegando-se que não era português, porque natural de Cabo Verde e só ter vindo para Portugal em 1972, para onde o registo respectivo foi transcrito oportunamente.

Sabemos que há leis e que estas são para se cumprir. Certamente. Ora, o que julgamos é que as leis se fazem para os homens e não estes para aquelas. Não percebemos que um militar português, com dois anos de vida militar e o cartão de identificação respectivo, possa ser considerado estrangeiro no foro civil. Anedotas da burocracia ou lacunas imperdoáveis das leis que a descolonização nos trouxe. Bem, nós também precisamos de nos rir!

Padre Luiz

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Vou dar contas dos frutos nascidos nas primaveras do teu coração. Sim, porque quando nos inclinamos amorosamente sobre nossos Irmãos, é um desabrochar em flores e frutos.

Aos donativos que mandaste em 1981, para o Património dos Pobres e Auto-construção, demos forma, com «pequenos auxílios», em telhados, portas e janelas, reparações urgentes e ajuda no último arranque para que muitas famílias pudessem ter a sua casinha.

Foram 128 «pequenos auxílios» distribuídos por paróquias num total de 1.300.000\$00.

Tuas gotinhas amorosas fi-

zeram este regato que levou alívio e matou sede!

Caudal pequeno para tantas situações angustiosas! É certo.

Mesmo amanhã, a esta hora que escrevo, iremos ver uma família: mãe alcoólica; um filho de dezassete anos; dois com onze e oito; duas filhas já com filhos também — a viverem no mesmo quarto! Se não acudirmos, esta família só terá dois caminhos: o roubo e a prostituição. De passagem por Campanhã visitaremos outra família numerosa a viver num tugúrio — onde reina a desolação.

Como estas, centenas de famílias sem habitação digna...

Muito aquém das pocilgas, aviários e canis!

Como posso sentar-me em paz nos meus sofás?! Esbanjar dinheiro em coisas superfluas?!

Mas não nos percamos em relatar e pasmar..., pois corremos o risco de não começarmos. Começemos aqui — nestas duas famílias que precisam de ti.

Menos um jantar com os amigos. Menos um luxo que se pode dispensar. Mais um ano com o carro velho. Um tempo mais sem substituir a mobília. Isto se pensarmos a sério nos que vivem amontoados. Nos que são rio poluído, onde morreu a vida e o caminho.

Acordemos, antes que os gritos de revolta nos acordem! Os marginais e a droga, dentro de tantos lares, são sinal evidente do nosso sono tranquilo...

Padre Telmo

Calvário

Cont. da 1.ª página

Mas a idade não perdoa e hoje esta pobre anciã está com pouca coragem para continuar a olhar por quem não é seu. Diz-me baixinho que o rapaz já é um vadio. Que ele passa o tempo na rua. Por vezes, que só recolhe ao anoitecer. Mas se não fora esta pobre senhora talvez estas duas crianças não vivessem já. Contudo, este viver de dois menores sem pais a seu lado, entregues aos cuidados naturalmente pouco fortes e precários de pessoa idosa é mais vegetar do que viver.

Há seres que nascem mais para vegetar do que para crescerem como seres humanos. A vida humana requer um ritmo próprio. Se ele falta, o ser humano retrocede e regressa lentamente, primeiro à condição animal, limitando-se ao comer, ao andar; depois à condição vegetal, existindo e permanecendo onde o colocam. Esta pobre rapariga anormal está aqui posta no leito como simples planta de enfeite, aliás pouco decorativa.

Quando desço para retomar a marginal já não dou conta da beleza circundante. Trago um peso sobre mim — o das duas crianças que acabo de visitar e para as quais me pedem lugar no Calvário. Não é fácil topar com a Miséria e ficar sossegado. Mas é um bem precioso para a saúde do espírito. Hoje com a desculpa de que já não há Pobres — contradizendo aliás o Evangelho — muitos cristãos não se dão ao trabalho de os ir procurar para partilharem com eles mágoas e agruras. Actualmente a vida é demasiado formal. Criam-se estruturas de acolhimento e de protecção; e estas

— com a ajuda dos que podem e das entidades que devem — que deitem a mão. E o contacto directo perde-se. E com este perder vamos-nos perdendo também nas nossas coisas.

Junto ao rio olho para trás mas já não atino com a casita das crianças. Mas elas vão silenciosas no meu peito.

Padre Baptista

TRIBUNA DE COIMBRA

Festas! O nosso Carlitos já anunciou que o grupo mais responsável anda à volta com a preparação das Festas para o Centro. As Festas começaram a fazer parte da nossa vida.

Este ano queremos continuar a levar mensagens como nos anos anteriores. E procuramos levar mensagens das crianças: o roubo, o alcoolismo, a droga, o aborto, a prostituição, os Direitos da Criança.

Um Amigo, que muito nos tem ajudado na preparação das Festas, escreve-nos, transcrevendo a Declaração Universal dos Direitos da Criança que estabelece logo de início: **Toda a criança tem direito a um nome, a um lar e a uma nacionalidade.**

Na base está a Família. Família constituída através de uma conveniente preparação,

procurando os verdadeiros valores. Família constituída por pais que se assumam como tais na gestação e na criação dos filhos.

A ajudar a Família deve estar toda a sociedade. Todos estamos comprometidos na vida uns dos outros.

Como de costume, a primeira Festa vai ser junto ao ninho, em Miranda do Corvo, na tarde de domingo 25 de Abril. Logo a seguir vem o dia 1 de Maio com as festas à tarde e à noite no Teatro Avenida, de Coimbra. No dia seguinte será no casino da Figueira da Foz. Dia 7 estaremos na Covilhã, dia 8 no Fundão e dia 9 em Castelo Branco.

Depois continuaremos. Vamos todos preparar-nos.

Padre Horácio



As Festas começaram a fazer parte da nossa vida.


Director: Padre Telmo Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Administração: Casa do Gaiato — 4560 PAÇO DE SOUSA — Telef. 952285
Composto e impresso nas Escolas Gráficas da Casa do Gaiato — Paço de Sousa

Tiragem média por edição no mês de Março: 52.500 exemplares.